

DEUS E AS CULTURAS **ENTRE BABEL E PENTECOSTES**

Sandro Luckmann
Mondai-SC, julho de 2002.

As culturas na Bíblia

A Bíblia não é um livro elaborado a partir da preocupação com as culturas, muito antes visa ser o testemunho e a vivência de fé. A Bíblia traz diversos aspectos a partir de fé no único Deus, a ação divina na história humana e, especialmente, o Deus revelado e anunciado em Jesus Cristo.

A Bíblia apresenta o testemunho de fé de um povo. A diversidade lingüística e, conseqüentemente, a diversidade cultural fazem parte da existência humana, que a Bíblia menciona em seus relatos. A Bíblia é formada por duas partes: Antigo e Novo Testamento. Nestas partes existem diferenças, pois são escritas desde perspectivas distintas. No Antigo Testamento se revela a história de uma nação, Israel, com suas tradições, sua cultura, suas instituições. No Novo Testamento, a fé cristã se revela universal, não mais presa a uma nação, mas aberta a toda humanidade. O testemunho cristão supera a possibilidade de identificar a fé com uma determinada cultura. A fé cristã estabelece a unidade na pluralidade e diversidade cultural.

Os textos de Babel e Pentecostes são exemplos que a Bíblia menciona e reflete a respeito da diversidade cultural e lingüística. Gn 11.1-9 e At 2.1-13 revelam que Deus assume a diversidade cultural na sua ação com a humanidade.

A torre de Babel

Costumeiramente as interpretações do relato da torre de Babel (Gênesis 11.1-9) afirmam que o texto revela a maldição divina a toda humanidade. Dispersão e diversidade de línguas seriam tão-somente castigo à humanidade, devido ao seu orgulho e ganância em querer alcançar o céu.

Porém, esta interpretação não confere. Compreende-se que o relato de Babel é um conto de resistência camponesa em relação ao mundo citadino e militar. Pois, o termo hebraico para torre não significa orgulho, ganância ou ambição humana. A construção de uma torre, nas cidades da época, era para fortificação militar da cidade.

Portanto, a construção da torre de Babel representa o projeto citadino-militar-imperial que visa homogeneizar todos os povos, para que falem uma só língua e não sejam dispersos pela terra (Gn 11.1; 4). Deus interfere nos versículos 5-9, justamente, no sentido de eliminar a possibilidade de uma língua única e a possibilidade de viver todos os povos num mesmo local sob um poder opressor, que era Babel com sua torre. Ou seja, Deus denuncia e combate o mundo citadino e seu sistema opressor, que objetivava formar um só povo, uma única língua.

A atuação de Deus em Babel foi de preservar a diversidade cultural e a dispersão dos povos. Assim, a ação de Deus não fora punitiva, mas positiva. Deus percebeu que o projeto de Babel estava ancorado na opressão e exploração dos povos, fato simbolizado pela torre militar. Deus se pôs ao lado dos pequenos grupos clânicos em sua diversidade cultural e na sua dispersão territorial.

Deus se posiciona contra aqueles projetos que visam centralizar o poder, explorar os meios de produção, uniformizar a humanidade, e outros. Eis aí a confusão, fazer toda a

humanidade igual. Pergunta-se se Deus criou o mundo sem diversidade. Os relatos da criação (Gn 1-2) revelam que a diversidade faz parte da criação do mundo. Em especial Gn 11.1-9 revela “o anúncio e a promessa em prol das pequenas unidades sociais de caráter familiar e clânico, vivendo na dispersão e autonomia cultural”.

Falar em línguas: Pentecostes

No texto de At 2.1-13 está explícita a aceitação das diferentes culturas. Deus, através do Espírito Santo, utiliza as diferentes línguas para comunicar o Evangelho a todos os povos debaixo do céu. At 2.1-13 é considerado como o nascimento da Igreja e da proclamação da novidade da obra salvífica de Deus em Jesus Cristo.

O fato das diferentes culturas receberem o anúncio do Evangelho na própria língua implica a unidade criada pelo Espírito. Esta unidade é evidenciada pela lista de At 2.9ss, e revela que os diferentes povos entendiam a mensagem divina. É inegável a possibilidade da mensagem divina ser divulgada e aceita em outros povos, noutras culturas.

Ressalta-se, com insistência, que esta abertura para as outras culturas é obra de Deus, através do Espírito. A unidade no anúncio da obra salvífica divina é criada pelo próprio Deus. As diferentes culturas são assumidas e utilizadas para o anúncio mediante a ação do Espírito Santo. É só a partir desta ação que os apóstolos se dirigiram às diferentes partes do mundo para testemunhar e anunciar o que haviam presenciado e conhecido a respeito de Jesus e de toda obra salvífica de Deus (At 8.4, 14).

Babel é superada por Pentecostes?

Freqüentemente encontramos a afirmação de que Pentecostes é a superação de Babel. Babel seria o símbolo de confusão e desunião da humanidade, realizada por Deus e provocada pelo ser humano.

Pentecostes não visa superar a dispersão de Babel (Gn 11.1-9). O relato de Pentecostes afirma que a unidade é promovida pelo Espírito Santo. Os diferentes povos presentes no evento de Pentecostes entenderam tudo na língua própria de cada nação. Assim, torna-se errôneo afirmar que a partir de Pentecostes “se falará uma língua que todo o mundo entende”, mesmo que se afirme tratar da língua do amor. Os apóstolos passaram a falar em outras línguas que eram entendidas pelas pessoas, que assistiam aquele evento do Espírito Santo (At 2.4).

A interpretação tradicional de Babel é equivocada. Maldito é o projeto citadino-militar-imperial, e não a dispersão e confusão da humanidade. Desta forma, afirma-se que Pentecostes não é a superação de Babel, mas a continuidade da ação de Deus. Acentua-se o fato de que Babel e Pentecostes possuem aspectos de valorização da diversidade cultural. E são estes aspectos que se passará abordar a seguir.

Pentecostes é a continuidade de Babel

Pentecostes parece ser a continuação de Babel. Babel representa a ação de Deus em favor dos pequenos grupos dispersos e com autonomia cultural. Agora, em Pentecostes, pode-se afirmar que Deus faz uso desta diversidade cultural para o anúncio de Suas maravilhas.

É importante observar que, em Gn 11.1-9, Deus põe-se ao lado da diversidade contra o projeto citadino que quer aglutinar e oprimir a partir de um centro administrativo. Em At 2.1-13, os discípulos se encontram em Jerusalém e passam a falar em diferentes línguas, não mais somente as línguas predominantes na região. Não é a repetição da atuação de Deus em Gn 11.1-9? Do Deus que se coloca ao lado dos grupos pequenos e com suas características próprias? Do Deus que favorece e atua pela diversidade lingüística cultural dos povos?

Gn 11.1-9 e At 2.1-13 são faces da mesma disposição e atuação de Deus. Por um lado, Deus age diretamente (Gn 11.8ss) e, por outro, através do Espírito Santo (At 2.2-4), em favor da

diversidade cultural. Do contrário, por quê impedir a cidade e a torre de Babel e, depois, enviar o Espírito Santo para que os apóstolos falassem de modo que as pessoas pudessem ouvir e entender? A crítica de Deus não está na união dos seres humanos, mas nos projetos que visam a uniformização e a homogeneização da humanidade.

Tampouco Deus fez aumentar a diversidade, depois da dispersão da humanidade e da confusão das línguas. Deus visa preservar a situação que já ocorria em Gn 10. A ação de Deus é contra o poder dominador e contra a uniformização para servir a este poder. É preciso aceitar a dispersão e o pluralismo étnico como bênção divina.

Nesta perspectiva torna-se relevante perceber que o termo “dispersão” ocorre em três pontos estratégicos de Gn 11.1-9, a saber, os versículos 4, 8, 9. A partir deste destaque percebe-se que não se trata de uma condenação, uma vez que a humanidade já era dispersa.

A diversidade de linguagens e a dispersão são empecilhos para o projeto citadino opressor de Babel. Porém, são presentes entre os filhos de Noé (cf. Gn 10.5), criadas por Deus (cf. Gn 1-2), sendo mantidas e usadas como “escudo” contra o poder uniformizador do império, com suas cidades e torres. E, esta mesma diversidade também é utilizada por Deus, em At 2.1-13, para anunciar que em Jesus Cristo se realizou a obra salvífica de Deus para com a humanidade (cf. Rm 5.8, 1Co 15.3).

Diversidade e dispersão no plano de Deus

A diversidade cultural não impede que o Espírito Santo anuncie as maravilhas de Deus nas diferentes nações, como exemplifica Atos dos Apóstolos e as cartas paulinas.

No projeto de Deus, conforme anunciado em Pentecostes, não se impõe uma língua para todas as culturas, como visava o projeto de Babel. A interferência de Deus em Babel e o envio do Espírito no Pentecostes demonstram que Deus assume a diversidade cultural da humanidade. Ressalta-se que em ambas as oportunidades, Babel e Pentecostes, é Deus quem toma a iniciativa a favor da diversidade e dispersão. Pois a diversidade lingüística e a dispersão são precedentes a Babel e Pentecostes. A interferência de Deus em Babel (dispersão e confusão dos construtores) e em Pentecostes (o anúncio e testemunho do Evangelho às diferentes nações) é a preservação da realidade da humanidade. É importante ressaltar que Deus preserva uma realidade de dispersão e diversidade.

A ação de Deus em favor da diversidade vê-se aprofundada na análise de outros textos do Antigo Testamento. Cita-se, como exemplo, Gn 21.8-21, que relata o episódio da expulsão de Hagar e Ismael da casa de Sara e Abraão. O texto repete, por duas vezes, a promessa que Deus fará de Ismael uma grande nação, igual à promessa feita a Abraão. Então, tem-se uma segunda nação abençoada por Deus, que habitaria o deserto de Parã (Gn 21.21).

Este exemplo ilustra que o Antigo Testamento possui referências claras de que Deus está presente noutras nações. Contudo, o Antigo Testamento foi redigido pelos israelitas, e visa relatar a experiência de Deus com este povo. Mas, fica evidente que a existência de outras nações dispersas nas diferentes partes do mundo, com suas respectivas culturas, também tinham experiências com Deus. Este fato evidencia que a diversidade faz parte de projeto de Deus. Caso contrário, como justificar suas ações de abençoar Ismael com a promessa de se fazer nele, também, uma grande nação? Ou então, como compreender a ação de Deus em Babel, que confunde e dispersa aquelas pessoas que visam a uniformização?

A partir de At 2.1-13, Deus evidencia esta sua atitude. Ele, através do Espírito Santo, cria uma unidade da humanidade para anunciar e testemunhar a obra salvífica em Jesus Cristo. Pentecostes revela que a união da humanidade não é inviável, como se poderia interpretar a partir de Babel. A unidade da humanidade é criada por Deus para edificação da nova humanidade. É importante observar que após o texto de Pentecostes e o discurso de Pedro (At 2.1-41) o autor de Atos apresenta a vida das primeiras comunidades cristãs (At 2.42-47). A unidade criada pelo Espírito não visa a supressão das diferenças culturais, de se viver em diversas regiões e de falar línguas diferentes. O Espírito Santo cria a unidade sem destruir as diferenças.

Caso contrário, Babel não necessitava ser impedida por Deus. Babel era quem buscava com que todos os povos falassem a mesma língua e se reunissem na mesma cidade com a torre. A ação de Deus em Babel é a mesma em Pentecostes preserva a diversidade lingüística e a dispersão, pois os apóstolos “traduzem” a obra salvífica de Deus às diferentes nações.

Babel e Jerusalém: duas cidades

Babel e Pentecostes possuem uma particularidade que se ressalta na presente análise. Esta particularidade pode ser interpretada como especulação, mas despertou algum interesse no decorrer da análise destes textos.

Babel fora uma cidade, um centro político-militar-imperial, e Deus dispersa as pessoas desta cidade. De modo semelhante, acredita-se, ocorreu em Pentecostes. Jerusalém era uma cidade, um centro político (capital de Judá) e um centro religioso (o Templo de Jerusalém). Foi nesta cidade que aconteceu o evento de Pentecostes, e a partir desta cidade os apóstolos partiram para as diferentes regiões anunciando e testemunhando os feitos de Deus. É importante recordar que At 2.9ss trata do judaísmo da diáspora. Ou seja, pessoas que confessam a fé de acordo com a religião judaica, que vivem dispersas pelo mundo, fora de Judá. Estas pessoas estavam reunidas em Jerusalém devido à festa de Pentecostes, de forma semelhante à Gn 11.2s, onde se visava reunir os povos que estavam dispersos pela terra. Em Jerusalém reúnem-se as pessoas judaicas que se encontravam dispersas pelas diferentes nações. Como em Babel, em At 2.1-13 é Deus que toma a iniciativa de ir ao encontro daqueles que estavam dispersos. Interessante é que os apóstolos não ficam em Jerusalém, mas partem às diferentes nações, igual que em Babel. Em Babel são os cidadãos que são dispersos e em Jerusalém os apóstolos são enviados ao mundo.

Babel e Jerusalém são duas cidades, dois centros de poder que assistem a ação de Deus em favor da diversidade. Babel testemunha a preservação da diversidade cultural e a dispersão dos pequenos grupos. Jerusalém testemunha o anúncio das maravilhas de Deus às diferentes nações e culturas. Será que Babel e Jerusalém são exemplos de que Deus não visa utilizar o poder centralizador da cidade no seu projeto? Torna-se importante refletir esta questão, uma vez que Gn 11.1-9 testemunha a ação contra a centralização do poder na cidade, e em At 2.1-13 os apóstolos partem de Jerusalém para irem de encontro às diferentes culturas e nações. É importante ressaltar que o texto de Pentecostes revela que já em Jerusalém o Espírito Santo faz com que os apóstolos falassem as diferentes línguas, de acordo com as diferentes nacionalidades ali presentes. Suspeita-se que Babel e Jerusalém são testemunhas de uma crítica divina à cidade, como centro de poder ou como centro uniformizador e aglutinador da humanidade.

Deus e a diversidade cultural

Deus assume a diversidade cultural nas suas atuações entre os seres humanos. Assim, percebe-se que as diferentes tradições, culturas podem ser utilizadas por Deus.

A diversidade cultural não é um obstáculo para a missão de Deus. As ações de Deus em Babel e em Pentecostes revelam que elas fazem parte da humanidade. Dessa forma, se torna anticristão exigir que um grupo ou povo abandone a sua cultura para receber a ação de Deus, conforme ocorreu nas missões cristãs, durante a colonização da América Latina.

Na história da “evangelização” dos diferentes povos da América Latina não foram respeitadas as culturas destes povos. Na ocasião do aniversário dos 500 anos da chegada dos espanhóis à América as denúncias feitas ressaltaram este aspecto. Poucas foram as oportunidades em que as missões respeitaram a cultura de um povo “evangelizado”. As culturas, geralmente, foram consideradas como obras satânicas, pois eram consideradas incompatíveis com a fé cristã.

A “evangelização” na América Latina revela que Igreja não interpretou corretamente os textos bíblicos? A Bíblia, como um todo, revela que Deus tem a diversidade cultural e a dispersão dos povos na sua ação. A interpretação tradicional e equivocada de Babel e Pentecostes podem ter sido utilizadas pelas missões cristãs para eliminarem as culturas dos povos “evangelizados”?

É preciso reconhecer que a Igreja, como um todo, errou neste aspecto. Na análise apresentada, percebeu-se que o próprio Deus toma a iniciativa em favor da diversidade da humanidade, por Ele criada. Esta análise faz com que se verifique criticamente a história das missões cristãs, após a união da Igreja com o poder romano. Esta Igreja é formada por todas as pessoas que confessa a fé no Deus de Babel e Pentecostes, no Deus que tem a diversidade da humanidade como parte de sua criação e atuação.

Não se pode justificar a existência de tradições ou costumes que oprimem, submetem e exploram pessoas, grupos étnicos, sociais, sexuais, enfim toda e qualquer ação que danifica a integridade da humanidade. O discurso da diversidade cultural criada e mantida por Deus não legitima nenhuma atrocidade acometida em nome de um valor cultural. A diversidade cultural não pode estar condicionada à vontade e aos projetos dos seres humanos. A diversidade está submissa à vontade e ao projeto de Deus, mediante o Espírito Santo. É mediante o Espírito que Deus cria a unidade, sem eliminar a diversidade. É mediante o Espírito que Deus envia os apóstolos às diferentes nações anunciarem a Boa Nova da vida abundante para todas as pessoas (Jo 10.10).

A ação de Deus em favor da diversidade cultural e da dispersão dos povos é iniciativa do próprio Deus, como se analisou em Gn 11.1-9 e At 2.1-14. Cabe às pessoas cristãs reconhecerem estes feitos de Deus para perceberem que a cultura de um povo e anúncio e testemunho da fé cristã não são incompatíveis. É preciso reconhecer que é uma ação de Deus, e que não compete ao ser cristão criar a unidade de testemunho de fé. Mas, cabe ao ser cristão receber o Espírito Santo para atuar a favor da cidadania e dignidade de vida nas diferentes culturas e nos lugares em que elas se encontram.

Bibliografia utilizada

- ANUNCIACÃO, Damásio R. da, PEREZ, Justino Martinez, LINTNER, Luís *et al.* “Chamados para uma mesma esperança : O evangelho em distintas culturas”. São Paulo, Rio de Janeiro : Koinonia, 1997. (Mosaicos da Bíblia, 25)
- BOFF, Lina. **Espírito e missão na obra de Lucas-Atos** : Para uma teologia do Espírito. São Paulo : Paulinas, 1996.
- FABRIS, Rinaldo. **Atos dos Apóstolos**. São Paulo : Paulinas, 1984. (Pequeno comentário bíblico: Novo Testamento)
- GRILLO, José Geraldo Costa. **Discurso de pentecostes como legitimação da comunidade lucana** : Uma leitura de Atos dos Apóstolos 2,14-40. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, 1996.
- MESTERS, Carlos. **Os Atos dos Apóstolos**. São Mateus, ES : s.n., 19--. (Curso bíblico para monitores, 7)
- OXTOBY, Willard G.. “Falando em suas próprias línguas” : Traduções antigas e modernas da Bíblia como expressões da identidade étnica e cultural. In: **CONCILIUM**. Petrópolis, v. 257, n. 1, p. 33-46, 1995.
- RAD, Gerhard von. **Teologia do Antigo Testamento**. (Re-edição 1.ed.) São Paulo : ASTE, v. 1, 1986.
- SCHWANTES, Milton. **Projetos de esperança**. Petrópolis, Rio de Janeiro, São Leopoldo : Vozes, CEDI, Sinodal, 1989.
- VALDIVIESO, Pedro Ortiz. Perspectivas bíblicas de la cultura. In: **RELIGIÓN Y CULTURA**. Bogotá : CELAM, 1981. p. 13-32.